

ESCÂNDALO SEM CULPADOS

Relatório será apresentado hoje. Ex-CEO diz que acionistas conheciam situação da empresa



Crise da varejista. A Americanas pediu recuperação judicial em 19 de janeiro, depois de anunciar inconsistências contábeis no valor de R\$ 20 bilhões no balanço de 2022 e anos anteriores

VICTÓRIA ABEL, RAPHAEL DI CUNTO*, MARCELO RIBEIRO* E BRUNO ROSA brunoro@oglobo.com.br

Depois de quase quatro meses de trabalho, o relatório final da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Americanas, na Câmara dos Deputados, surpreendeu por não apontar qualquer culpado pela fraude bilionária na varejista. Embora tenha citado a palavra "fraude" 333 vezes e classificado o caso como "um dos maiores escândalos contábeis já vivenciados em nosso cenário corporativo", o relator, deputado Carlos Chiodini (MDB-SC), alegou que não foi possível "identificar" de forma precisa quem foram os autores dos prováveis crimes.

Enquanto isso, o ex-CEO da Americanas, Miguel Gutierrez, enviou à CPI uma carta em que acusa os acionistas de referência da companhia — o trio Jorge Paulo Lemann, Carlos Alberto Sicupira e Marcel Telles — de participarem ativamente da gestão financeira da empresa. O texto, antecipado pelo Valor, foi enviado por seus advogados à comissão em 31 de agosto. "Metornei conveniente 'bode expiatório' para ser sacrificado em nome da proteção de figuras notórias e poderosas do capitalismo brasileiro", afirma ele no documento.

A Americanas pediu recuperação judicial em janeiro, após anunciar inconsistências contábeis no valor de R\$ 20 bilhões no balanço de 2022 e anos anteriores.

DIFICULDADE FINANCEIRA
Gutierrez é um dos principais envolvidos na fraude contábil na Americanas. Ele comandou a Lojas Americanas por duas décadas e ficou à frente da fusão da companhia resultante da fusão entre as lojas físicas e a B2W, controladora do Submarino. Foi substituído em janeiro deste ano por Sérgio Rial — executivo que deixou a empresa nove dias depois de zender o descoberto as inconsistências contábeis.

Gutierrez era esperado para depor na CPI em 1º de agosto, mas não compareceu. Ele está na Espanha, em tratamento médico, e pediu para ser ouvido por videoconferência, mas teve a solicitação negada. Na carta de 17 páginas enviada à CPI, Gutierrez afirma que, após a fusão da Americanas com a B2W, teve papel "mais estratégico" e não atuava em todas as áreas, que tinham

departamentos autônomos: "Como é notório, e como consta inclusive do famoso livro que conta a sua trajetória empresarial, o 3G (acionistas de referência) participa ativamente da gestão das empresas de seu portfólio e controla rigorosamente suas finanças". Gutierrez defendeu que não sabia de "problema contábil" na companhia, mas que a empresa enfrentava uma gravíssima dificuldade financeira e que precisaria de novo aporte de seus acionistas em 2023 para se manter operando. Além disso, culpa um ataque cibernético em fevereiro de 2022 e o aumento dos juros na economia por uma queda das vendas em todo o primeiro semestre daquele ano.

A empresa saiu de um caixa

líquido de R\$ 3,5 bilhões no terceiro trimestre de 2021 para uma dívida líquida de R\$ 5,3 bilhões em setembro de 2022, "a maior de sua história".

PLENAMENTE CONHECIDO*
No texto, Gutierrez afirma que a B2W precisou de cinco ampliações de capital entre 2006 e 2020. E acusa o conselho de administração de saber de todo esse cenário e de participar de quase todas as decisões que levaram à queima do caixa. "Todos esses indicadores não deixavam dúvida, então, sobre a iminente necessidade de novos aportes, para assegurar as atividades da companhia já em 2023", disse.

Gutierrez afirma que o problema financeiro "era plenamente conhecido" pelo conselho de administração, pelo comitê financeiro e pelos acionistas controladores, "bem como pelo Sr. Sérgio Rial, a despeito de ele ter negado esse fato em seu depoimento à CPI", e que ouviu de Rial que os acionistas não tinham interesse em aportar novos recursos e nem buscar novos investidores porque isso "poderia causar uma diluição relevante de sua participação".

Em reportagem do Estado de S. Paulo com base no processo que o Bradesco move sobre o que houve na Americanas, Gutierrez apresentou defesa de teor semelhante, em que busca responsabilizar os acionistas de referência da varejista.

Em nota, a LTS Investments, holding que administra as participações do trio de bilionários em empresas, afirma que as palavras de Gutierrez quase oito meses após a divulgação de inconsistências contábeis na Americanas não trazem qualquer prova de suas alegações nem refutam evidências de sua participação na fraude.

No texto, acrescentam que nenhuma prova apresentada desde o dia 17 de maio, Chiodini afirmou que o prazo da CPI foi insuficiente para chegar a esse tipo de conclusão e que seriam necessárias "outras diligências e coleta de elementos de prova mais robustos". O deputado destacou que as investigações no âmbito judicial, pela Polícia Federal e pelo Ministério Público Federal, estão em uma etapa investigativa mais madura e, mesmo assim, não apresentaram convicções assertivas.

O relatório sugere a tramitação de um projeto de lei para criminalizar executivos que sejam acusados de fraudes, assim como responsabilizar acionistas e auditores independentes. (*Do Valor)



Miguel Gutierrez. "Metornei conveniente 'bode expiatório'"

ACRISE EM 5 PASSOS

1 Americanas revela 'inconsistência contábil'

No dia 11 de janeiro, poucos dias após o então CEO Sérgio Rial assumir o comando da varejista, a empresa anunciou ao mercado ter encontrado "inconsistências contábeis" nos balanços de 2022 e anos anteriores, que somavam R\$20 bilhões.

2 Empresa pede recuperação judicial

A revelação causa uma reviravolta na empresa. As ações da companhia chegam a desabar 77% no dia 12 de janeiro. Com cobranças de credores, como bancos e fornecedores, a Americanas pede recuperação judicial no dia 19 de janeiro.

3 CEO atual diz que há provas de fraude e culpa ex-diretoria

Em depoimento à CPI da Americanas, o atual CEO da empresa, Leonardo Coelho, diz que houve fraude e responsabiliza a antiga diretoria da companhia. Ele citou números maquiados, planilhas secretas e documentos falsificados.

4 CPI tenta ouvir executivos que comandaram a empresa

Ao longo dos últimos meses, a CPI tentou ouvir antigos integrantes da diretoria que comandou a varejista por 20 anos, não compareceu e apresentou um atestado médico para justificar a ausência.

5 Ex-CEO diz em carta que virou bode expiatório e faz acusações

Em carta revelada pelo Valor, o ex-CEO Miguel Gutierrez diz à CPI que virou bode expiatório para proteção de figuras notórias e poderosas. E diz que o 3G participa ativamente da gestão de empresas em seu portfólio e controla suas finanças.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia **Página:** 15